

Atividades em sala de aula

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Educadora aposentada do Instituto de Matemática e Estatística da USP. Coordenadora do Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática. Professora do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática.

E-mail: acarambi@alumni.usp.br

“Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? [...]”¹

“O que acontece agora é que o processo de democratização, ou seja, o processo de expansão do poder ascendente, está se estendendo da esfera das relações políticas, das relações nas quais o indivíduo é considerado em seu papel de cidadão, para a esfera das relações sociais, onde o indivíduo é considerado na variedade de seus status e de seus papéis específicos, [...]”²

As atividades desta edição têm como ponto de partida a reflexão sobre “os desertos de notícias” apresentados no artigo “Democracia, informação e mídia local para superar os desertos de notícias”, entrevista com Penny Abernathy à revista *Comunicação e Educação*. A entrevistada fala sobre a escassez de produção de notícias, a falta de acessibilidade digital e de políticas públicas de apoio ao jornalismo local, especialmente em cidades onde características demográficas e econômicas impedem o acesso de seus moradores a notícias e informações.

Na perspectiva de refletir sobre a atividade de pensar e a de examinar os acontecimentos, selecionamos o artigo: “Alfabetização midiática e informacional no combate à desinformação e à violência nas escolas: uma proposta de agenda”, de Liziane Soares Guazina. O artigo, segundo a autora, discute a relação entre desinformação e violência nas escolas no Brasil e articula uma contribuição para o debate sobre a construção de uma proposta de agenda de políticas públicas para o Ministério da Educação, a fim de se promover a alfabetização midiática.

O significado da educomunicação é objeto de estudo do artigo “A educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Ensino de São Paulo: histórico e análise a partir das perspectivas socioambiental, territorial e democrática”, de Thaís Brianezi, Carlos Lima, Ednéia Oliveira e Carmen Gattás, que apresenta o histórico das ações de educomunicação socioambiental na rede municipal de

São Paulo e analisa essas experiências a partir de três perspectivas: a socioambiental, a territorial e a democrática. O artigo também traz práticas de comunicação dessas escolas que participaram de um mapeamento realizado em 2021.

O artigo “Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais”, de Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta, objetiva contribuir para a compreensão do potencial de representações visuais para gerar espaços de convivência com o outro e de mostrar facetas do processo de construção da identidade de pessoas pretas. Ele se refere às análises de representações visuais extraídas de livros didáticos de Geografia, do Ensino Fundamental (PNDL – 2020).

As atividades desta edição estão organizadas nos seguintes temas:

- Superar os desertos de notícias;
- O combate à desinformação e à violência nas escolas;
- Educomunicação socioambiental, experiência em escolas públicas;
- Identidades e representações de pessoas pretas.

PRIMEIRA ATIVIDADE

Superar os desertos de notícias

A atividade tem como referência o artigo “Democracia, informação e mídia local para superar os desertos de notícias”, entrevista com Penny Abernathy concedida à revista *Comunicação e Educação*. Na entrevista, Penny aponta que

Existe uma espécie de espiral descendente para uma comunidade que perde o seu jornal local que não é substituído por outro. São exatamente as comunidades com dificuldades econômicas aquelas que mais precisam de informações locais para tomar decisões acertadas sobre questões que vão afetar a qualidade de vida de gerações atuais e futuras.³

A atividade propõe a análise dessa afirmação, tendo como referência o que acontece no Brasil, tendo como público-alvo profissionais que trabalham com comunicação, em particular os jornalistas, e está organizada na seguinte sequência didática.

Fazer a leitura da entrevista com foco nas questões:

- (1) Em que momento os jornais locais começam a desaparecer nos Estados Unidos?
- (2) O que acontece com as emissoras públicas?
- (3) Existe uma forma de financiamento público que não esconda a organização noticiosa local?
- (4) Como as plataformas digitais interferem no jornalismo local?

1 ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2008, p. 146.

2 BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 53.

3 ABERNATHY, Penny. *Democracia, informação e mídia local para superar os desertos de notícias*. [Entrevista cedida a] Sonia Virginia Moreira. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 28, n. 2, 2023.

(5) Com base na liberdade de imprensa, é importante o livre fluxo de informações. Qual a opinião da entrevistada sobre isso?

Pesquisar a questão dos desertos de notícias no Brasil (sugerimos a dissertação, o artigo e os sites citados a seguir).

Luiza Giovancarli, em sua dissertação “O jornalismo comunitário, políticas públicas e desafios contemporâneos”⁴, considera que:

O jornal comunitário tal qual existiu nas décadas de 1970 e 1980 na zona leste da cidade de São Paulo, com caráter democrático e interesse na participação popular cede espaço a um jornal mercadológico, com pouca participação comunitária. As políticas públicas voltadas para o campo da comunicação podem ser um incentivo a tais práticas vinculadas a uma perspectiva emancipatória dos sujeitos [...].

Artigo da *Revista Imprensa*: “Luta contra a escassez informativa: o papel do jornalismo local no Brasil e nos EUA”⁵.

Sites:

<https://portal.comunique-se.com.br/jornais-comunitarios-preenchem-lacunase-lutam-contra-estereotipos/>

<https://www.brasildefatope.com.br/2023/01/25/brasil-de-fato-completa-20-anos-de-comunicacao-popular-e-luta-pela-democracia.>

Analisar as diferentes experiências apontadas nas referências, selecionando as que foram mais significativas.

SEGUNDA ATIVIDADE

O combate à desinformação e à violência nas escolas

Em relação à desinformação, a reflexão está apoiada no artigo: “Alfabetização midiática e informacional no combate à desinformação e à violência nas escolas: uma proposta de agenda”, de Liziane Soares Guazina. O artigo, segundo a autora, discute a relação entre desinformação e violência nas escolas no Brasil e traz para o debate a necessidade da construção de uma proposta de agenda de políticas públicas para promover a alfabetização midiática.

A atividade é proposta para professores da escola básica e tem as seguintes questões:

Propor a leitura do artigo na escola, de preferência na reunião pedagógica, enfatizando os seguintes pontos:

(1) Identificar os ataques violentos que têm acontecido a creches e escolas no Brasil.

(2) Analisar o crescimento e a livre circulação de discursos de ódio e de desinformação, especialmente nos campos da comunicação, da educação e das ciências da saúde.

4 GIOVANCARLI, Luiza. Jornalismo comunitário, políticas públicas e desafios contemporâneos. *Revista Extraprensa*, v. 10, n. 1, 2016. p. 49.

5 RODRIGUES, A. Luta contra a escassez informativa: o papel do jornalismo local no Brasil e nos EUA. *Revista Imprensa*, p. 20-27, 2023 [online].

(3) Por que o PL 2630/2020, apoiado por associações acadêmicas importantes, ainda não foi votado na Câmara dos Deputados?

(4) Qual o papel da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD)?

Fazer a síntese das considerações na reunião e discutir o que fazer em suas salas de aula.

Para subsidiar, propomos a leitura dos itens: “O que fazer?” “Experiências Nacionais” e “Documentos de referência internacional”. No item “O que fazer?”, analisar os tópicos:

- Estudos e experiências internacionais e nacionais de alfabetização midiática e informacional (AMI) têm contribuído para o enfrentamento da desinformação?
- Especialistas como Fábio Pereira, do Observatório Internacional Estudantil da Informação (ObservInfo/UnB), defendem que a desinformação deve ser tratada como problema público, de acordo com o conceito proposto por Eric Neveu, estruturado no âmbito social.

No item “Experiências nacionais de combate à desinformação nas escolas”, analisar os projetos ObservInfo (Universidade de Brasília) e Rede Conecta (Universidade Federal Fluminense).

No item “Documentos de referência internacional”, analisar as contribuições dos documentos:

- Da Unesco, no documento direcionado especificamente para a inserção e o desenvolvimento do tema da literacia midiática e informacional para professores, intitulado “Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores”.
- No caso da União Europeia, o documento “Final report of the Commission expert group on tackling disinformation and promoting digital literacy through education and training” (“Relatório final do grupo de peritos da Comissão sobre o combate à desinformação e a promoção da literacia digital através da educação e do treinamento”).

Como conclusão, propomos a leitura do item “Contribuições para uma agenda do Ministério da Educação em cinco eixos”. Destacando os eixos:

- Eixo 1: Construção e promoção de uma política pública capilarizada de alfabetização midiática e informacional.
- Eixo 2: Fomento institucional à participação no debate público e no desenho das políticas públicas.
- Eixo 3: Fomento à formação de professores.

- Eixo 4: Fomento à produção de conteúdos audiovisuais disponibilizados gratuitamente para escolas, estudantes do Ensino Fundamental e Médio e para a comunidade.
- Eixo 5: Fortalecimento da gestão democrática e dos laços afetivos nas escolas.

TERCEIRA ATIVIDADE

A educomunicação na perspectiva socioambiental

O significado da educomunicação é abordado na atividade que tem como apoio o artigo: “A educomunicação socioambiental na Rede Municipal de Ensino de São Paulo: histórico e análise a partir das perspectivas socioambiental, territorial e democrática”, de Thaís Brianezi, Carlos Lima, Ednéia Oliveira e Carmen Gattás, que apresenta o histórico das ações de educomunicação socioambiental na rede municipal de São Paulo.

A atividade é proposta para professores e alunos da escola básica e apresentamos uma possível abordagem para sala de aula.

- Leitura do artigo sobre educomunicação socioambiental e as convergências epistemológicas dos campos da educomunicação e da educação ambiental a partir das três perspectivas analíticas: a) socioambiental; b) territorial; c) democrática.
- Identificar no texto as considerações das autoras sobre cada uma das perspectivas.

No item “A educomunicação socioambiental na RME-SP”, registrar as ações da educomunicação na RME na linha do tempo.

No item “Perspectiva socioambiental”, discutir como os autores apresentam ações que não separam natureza, cultura e sociedade abordados, como o projeto Segurança Humana; as edições do *Imprensa Jovem Online* sobre sustentabilidade, relações étnico raciais e direitos humanos; o projeto Inclusão na Tela; o trabalho de educomunicação nos CECIs e o projeto Estudantes Mediadores de ODS.

No item “Perspectiva territorial”, discutir como os autores apresentam essa perspectiva territorial, de trabalho em rede, que fundamentou a criação do curso Educomunicação Socioambiental pelo Núcleo de Educomunicação da SME.

Já no item “Perspectiva democrática”, analisar a citação dos autores:

Uma das contribuições da educomunicação se insere justamente no fortalecimento das iniciativas de gestão participativa, alargando os espaços de decisão, não a partir da crença ingênua na democracia direta via computador ou celular, mas sim do que Norberto Bobbio denominou democracia social.

Como fechamento, propomos a leitura das considerações finais identificando as convergências epistemológicas entre os campos da educomunicação e da educação ambiental e sua tradução em políticas públicas.

QUARTA ATIVIDADE

Identities e representações de pessoas pretas

O artigo “Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais”, de Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta, objetiva contribuir para a compreensão do potencial de representações visuais para gerar espaços de convivência com o outro e de mostrar facetas do processo de construção da identidade de pessoas pretas. O artigo se refere às análises de representações visuais extraídas de livros didáticos de Geografia, do Ensino Fundamental (PNDL – 2020).

Organizamos a atividade para ser desenvolvida em sala de aula e o público-alvo que sugerimos são os professores e alunos da escola básica:

- Com os alunos em grupos, apresentar a proposta das autoras no artigo “Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais” – que, para seu estudo, selecionaram as representações visuais com pessoas pretas –, das coleções de Geografia, tendo como objeto de estudo o potencial de significados de representações visuais em livros didáticos, vinculados à alteridade.
- Solicitar que pesquisem em seus livros didáticos adotados, independentemente da disciplina, como as imagens contribuem para a construção ou não de um ambiente propício à diversidade de raças.
- Propor que registrem suas informações em tabelas ou gráficos. Como subsídio para o professor, sugerimos a leitura do item “Aportes metodológicos”.
- Analisar com os alunos as imagens presentes nos livros didáticos escolhidos. Para auxiliar o professor, sugerimos a leitura do item “Análises de representações visuais com pessoas pretas”.
- Discutir a pertinência da consideração das autoras: “Sendo assim, podemos ressaltar que há dois momentos, não necessariamente dissociados, no processo de construção de identidade do Negro. O primeiro, aquele que busca responder quem é o Negro; o segundo, aquele em que o Negro busca responder quem ele é”.
- Como fechamento da atividade, sugerimos a leitura coletiva das considerações finais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERNATHY, Penny. Democracia, informação e mídia local para superar os desertos de notícias. [Entrevista cedida a] Sonia Virginia Moreira. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 28, n. 2, 2023.

ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2008.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 53.

GIOVANCARLI, Luiza. Jornalismo comunitário, políticas públicas e desafios contemporâneos. **Revista Extraprensa**, v. 10, n. 1, p. 49-62, 2016

RODRIGUES, A. Luta contra a escassez informativa: o papel do jornalismo local no Brasil e nos EUA. **Revista Imprensa**, p. 20-27, 2023 [online].